

Apaixonante COSTA AMALF

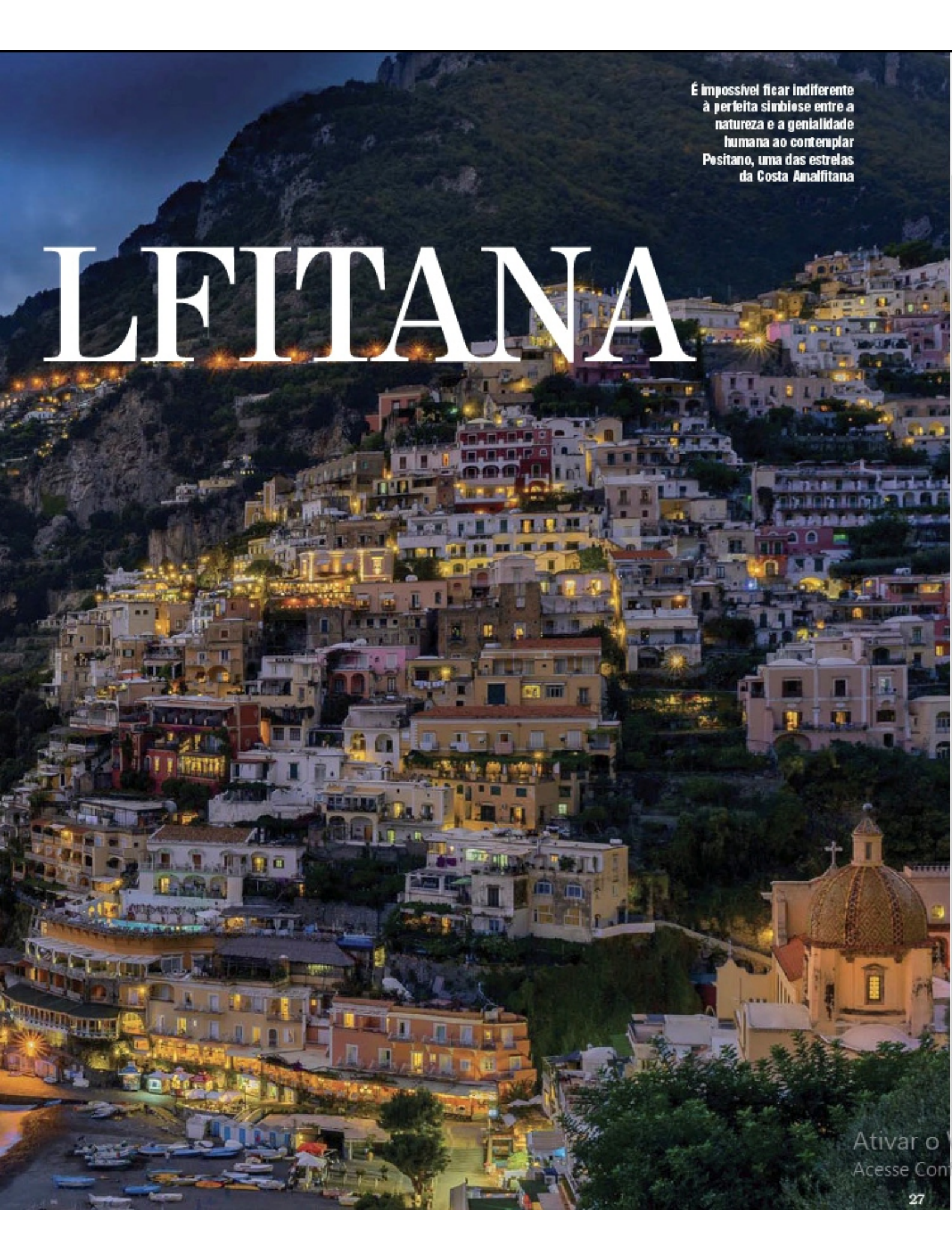
Os suspiros estão garantidos em cada curva da estrada mais cênica da Itália, ladeada por vilarejos mesclados às montanhas, perfeitos para o dolce far niente, e pelas águas cintilantes do Mar Tirreno

por REGINA CAZZAMATTA

Dio mio, uau! São exclamações assim que naturalmente saem da boca dos turistas a cada curva vencida na estrada mais cênica da Itália: a Costa Amalfitana. E que sucessão de curvas vertiginosas permeia o trajeto. É que a baía que avança a partir de Nápoles, em especial no trecho entre Sorrento e Salerno, que se estende por 60 km de puro deslumbre, é atravessada por uma estrada estreitíssima e sinuosa, que recorta uma íngreme cadeia de montanhas à beira do Mar Tirreno. O homem também colocou seu talento ali, construindo casas multicoloridas encarapitadas nos precipícios que se erguem vários metros acima do mar, formando vilas minúsculas e charmosas, como presépios fincados nos alucinantes penhascos.

É, sobram mesmo muitos motivos para a região, a 400 km ao sul de Roma, ser tão desejada. Mas, antes de suspirar em cada pedacinho desse litoral espetacular, aproveite o *pit stop* em Nápoles, que dá acesso às maravilhas da Costa Amalfitana, e curta o alegre caos da cidade inventora da *pizza*, assim como os impressionantes vestígios arqueológicos de Pompeia e Herculano, que por 1.500 anos ficaram escondidas sob a lava lançada pelo Vulcão Vesúvio em 79 d.C.

Ativar o
Acesse Con



É impossível ficar indiferente
à perfeita simbiose entre a
natureza e a genialidade
humana ao contemplar
Positano, uma das estrelas
da Costa Amalfitana

LEFITANA

Ativar o
Acesse Con

Seja apenas como ponto de chegada ou um *pit stop* repleto de história e recheado com os autênticos sabores italianos, apesar do ritmo um tanto caótico, Nápoles certamente figurará no seu roteiro pela Costa Amalfitana. Equipada com um aeroporto e uma estação de trem, é nela que você chegará a partir de outras cidades da Itália

para dar partida rumo à romântica e deslumbrante Costa Amalfitana.

Inicialmente, cair nas frenéticas ruas de Nápoles pode ser um choque, mas é aos poucos que se reconhece a beleza nesse caos. Na realidade, não se trata de uma cidade particularmente bonita, mas a graça está em seu verdadeiro clima à moda italiana, com tudo o que isso traz

de bom. E de ruim. Uma sinfonia de buzinas é a trilha sonora de qualquer caminhada. Lambretas com uma, duas ou até mesmo três pessoas, a maioria sem capacete, circulam pelas ruas que se entrecruzam sem regras no centro histórico, distribuindo intermitentes *bip-bips*. Ao mesmo tempo, lençóis e roupas estendidos do lado de fora das ja-



nelas são responsáveis por colorir, e bagunçar ainda mais, os prédios de Nápoles e garantir uma certa atmosfera de velha cantina italiana.

Entre toda essa balbúrdia, está uma série de joias, principalmente no centro histórico, tombado pela Unesco em 1995. A área esconde um emaranhado de boas surpresas não só arquitetônicas como culi-

nárias, a exemplo de *trattorias*, *osterias*, barraquinhas de *pizza* frita e peixarias, onde coloridas bacias expõem frutos do mar fresquinhos, que irão parar no seu prato na hora do almoço ou do jantar. Delicie-se com a comida farta de Nápoles, pois a cidade que criou a *pizza margherita* só poderia ser a terra da comida boa.

IMPONÊNCIA NAPOLITANA

Assim como a gastronomia, outra característica notadamente napolitana é a religiosidade. Não é difícil se deparar com miniares nas calçadas, ornamentados com imagens de santos. Eles combinam muito bem com o cenário forrado de igrejas, principalmente no centro histórico, onde o destaque é a im-

Panorama de Nápoles, vigiada pelo Vulcão Vesúvio: a cidade rende um alegre, barulhento e suculento começo de viagem





As lambretas integram a paisagem urbana de Nápoles; à dir., o Museu Arqueológico, que reúne o maior acervo de estátuas romanas do mundo

pressionante Catedral de Nápoles, datada de 1272. Lá dentro, a capela do tesouro, de 1637, guarda pedras preciosas e 54 estátuas de prata, mas o que os moradores consideram ainda mais valioso são os restos mortais de São Genaro, que estaria enterrado ali.

Outra atração religiosa de respeito no centro antigo é o Complexo Monumental San Lorenzo Maggiore. À parte a visita à basílica, explore os subterrâneos da construção, onde ruínas greco-romanas transportam os visitantes à antiga cidade de dois mil anos atrás, mostrando resquícios de fornos, escolas e lavanderias.

O que consegue ser ainda mais

interessante do que San Lorenzo Maggiore, e quizá de todas as atrações de Nápoles, é o magistral Museu Arqueológico Nacional, que abriga o maior acervo de estátuas romanas do mundo, os melhores mosaicos encontrados nas escavações das antigas cidades de Pompeia e Herculano (devastadas pela erupção do Vulcão Vesúvio em 79 d.C.) e até uma sala dedicada à arte erótica romana, a qual é proibida para menores de 14 anos.

Depois dessas boas horas de imersão na cultura e no cotidiano com um quê de bagunçado dos napolitanos, o fim de tarde pede um passeio pela Praça do Plebiscito, onde se impõem o Palácio Real e a

imponente Igreja São Francisco de Paula. Aproveite para degustar um encorpado *espresso* no lendário e requintado Café Gambrinus, num dos cantos da praça. Há mais de 150 anos a casa serve célebres visitantes, incluindo aí os autores Oscar Wilde e Ernest Hemingway e o cantor Luciano Pavarotti. É um lugar e tanto para você provar os doces da região, como o bolo babá (pão-de-ló molhado com rum) e as tortinhas doces folhadas de ricota, enquanto observa, do conforto das instalações do elegante café, o vaivém dos passantes na praça.

Outro bom lugar para flertar com a cidade, e num ritmo ainda mais tranquilo, é o Palácio Real de



FOTOS: REGINA CAZAMITA

No museu que ocupa o Palácio de Capodimonte, há obras de Caravaggio, Rafael, Ticiano...

NÁPOLES E AS REDONDAS

Foi em Nápoles, em 1738, que a primeira *pizzaria* abriu as portas na Itália, na região de Porta Alba. Foi por aquelas bandas também que nasceu a cobertura *margherita*. O *top pizzaiolo* na época, Raffaele Espósito, quis impressionar o rei Umberto I e sua mulher, Margherita, durante uma visita real, em 1889. Claro que a simples e gostosa invenção, que leva mozzarella, tomate e manjerição, cada ingrediente representando uma cor da bandeira da Itália, foi aprovada e, então, batizada com o nome da rainha.

Hoje, as tradicionais *pizzerias* de Nápoles são geralmente portinhas escondidas, que mal acomodam 50 pessoas. Uma boa recomendação é a lendaria Starita, de 1901. Famosa pela versão frita das *pizzas*, foi lá que Sophia Loren gravou o filme *O Ouro de Nápoles*, em que fazia o papel de uma *pizzaiola* instável e adúltera. Prepare-se para esperar cerca de 45 minutos por uma mesa, o que pode ser uma experiência deliciosa. Basta observar o valém de lambretas nas ruas e **degustar as tais massas fritas com tomate**, servidas para quem está à espera

de um lugar. Outra boa pedida é a *pizzaria* Gino Sorbillo. Além de boas *margheritas* com mozzarella de búfala, a casa produz uma cerveja própria. À noite, em Nápoles, após um agitado dia, é mesmo ótimo se jogar na história de que tudo acaba em *pizza*.



Capodimonte, afastado do centro histórico, mas mesmo assim com uma localização privilegiada: no alto da montanha. Hoje, a construção se transformou em um monumental museu, que, ao longo de 160 cômodos, espalhados por três andares, distribui uma coleção de pesos pesados das artes, como Rafael, Caravaggio, Ticiano e El Greco. No terceiro andar, dedicado à arte moderna, está a versão de Andy Warhol do Vulcão Vesúvio, que espreita a cidade. Mas não fique só com a pintura. Ao deixar o palácio, você estará no imenso Parque de Capodimonte, que revela a vista do verdadeiro vulcão, imperando todo poderoso na paisagem.



O Grande Teatro, afresco de cunho erótico e um dos corpos petrificados encontrados nas escavações, tudo em Pompeia: cidade ficou escondida por 1.500 anos sob uma espessa camada de rochas e cinzas liberadas durante a erupção



POMPEIA E HERCULANO

Testemunhas da ira do Vesúvio

Quem vê o Vulcão Vesúvio tão ativo e tranquilo junto da Baía de Nápoles mal pode imaginar as “peripécias” que ele já aprontou por ali – e a mais séria delas ocorreu em 79 d.C. Uma pesadíssima erupção, mais as cinzas, as pedras e os gases vindos das entranhas do gigante, soterrou cidades como Pompeia e Herculano. Aqueles que tentaram fugir foram atingidos por pedras incandescentes, e os que se esconderam morreram sufocados. Esses locais desapareceram do mapa por mais de 1.500 anos, escondidos sob uma espessa camada de rochas e cinzas liberadas durante o “ataque” do vulcão. Pompeia só foi redescoberta em 1594, durante a construção de



Herculano, também arrasada pelo Vesúvio, tem ruínas tão bacanas quanto as de Pompeia; abaixo, fumarola vista na visita ao vulcão

um aqueduto, e Herculano, mais tarde ainda: em 1709.

Décadas depois, as duas foram “desenterradas” e, no caminho para Sorrento, agora são sítios arqueológicos imperdíveis. Herculano, a 13 km de Nápoles, é menor, mas ficou até mais preservada por ter sido fossilizada pela mistura de lama e cinzas. Algumas ruínas são de casas de nobres, de uma rua comercial e de banhos termais que ainda revelam o piso de mármore e de mosaicos.

Já Pompeia, a 23 km de Nápoles, é mais *pop* e ostenta espaços como o Lupanare, que era um bordel com camas de pedra e afrescos eróticos nas paredes. Também está bem preservado o Grande Teatro, com mais de 5 mil lugares. Mas nada é mais aflitivo do que o jardim dos fugitivos, que traz réplicas dos corpos petrificados pela mistura letal de cinzas e rochas, que invariavelmente têm as mãos curvadas sobre o rosto.

A erupção ocorrida no ano 79 foi tão violenta que também destruiu o cume do Vesúvio, criando uma

SHUTTERSTOCK



cratera de dimensões assustadoras, a qual pode ser visitada. Em frente à estação de trem Ercolano-Scavi, perto de Herculano, partem ônibus para lá, o Vesúvio Express. Do estacionamento, são 860 metros até a cratera, num trajeto íngreme e pontuado pelas cinzas de antigas explosões (desde a grande erupção, o gigante se manifestou 30 vezes, a última delas em 1944). Um leve cheiro de enxofre acompanha os visitantes,

que não se importam com o odor e se deslumbram com a fumaça que sai das rochas.

Enquanto o Vesúvio dorme, são outros aromas que seduzem ainda mais quem passeia pela região: o do amarelíssimo limão siciliano, o dos frutos do mar e o das *pizzas* e massas recém-saídas do forno. São esses, principalmente, que ficam na memória depois que se aproveita as delícias de Nápoles e de seu entorno.



Casario colorido espalhado nos morros, centrinho com lojas e igrejas medievais e praias: em Sorrento se inicia a receita de sucesso da região

SORRENTO

O início de um sonho chamado Costa Amalfitana

Para zigue-zaguear pelos vilarejos da Costa Amalfitana, é comum os turistas se fixarem em cidades como Sorrento, a 26 km de Pompeia e onde a estrada ganha os penhascos e o casario colorido que tanto fazem sua fama. Encimada numa colina, a cidade brilha com um cenário à moda antiga e os resorts, ainda que as praias, de pedra e não de areia, não sejam assim tão especiais. Os banhistas têm apenas um pequeno espaço no porto Marina Grande para se refestelar ao sol, mas a presença de bons restaurantes e cafés à beira-mar compensa.

O centrinho fica na parte alta de Sorrento, e a chegada ali é por um charmoso elevador. O desembarque é no Parque Villa Comunale, um terraço romântico que descortina um estupendo panorama do mar. Ao lado, a Igreja de São Francisco, com o pátio preenchido por arcos e buganvílias e em meio ao zunzunzum da ruela São Cesário, é uma

bela surpresa com os afrescos ainda originais. Já a Basílica de Santo Antônio, do século 11, exhibe pinturas romanas, fragmentos de edificações antigas e um altar repleto de... limões, fruta deliciosamente recorrente em toda a costa. Não à toa,

faz parte de várias receitas e, se quiser comprar iguarias preparadas com ela, vá à loja Limonoro. Desde 1905, a casa produz uma porção de guloseimas que levam limão, como os bombons de chocolate recheados com o típico licor *limoncello*.

TAMBÉM DÁ PARA COMEÇAR O TOUR EM SALERNO

No outro lado da baía que envolve a Costa Amalfitana está Salerno, onde também é possível iniciar a viagem vindo de Nápoles ou Pompéia, fazendo o roteiro no sentido oposto ao mostrado nesta reportagem. A cidade, segunda maior da Campânia (tem cerca de 135 mil moradores e só perde para Nápoles, que tem perto de 1 milhão de habitantes), é muito procurada por oferecer uma ótima conexão de *ferries* para as vilas vizinhas e, assim, os turistas basicamente só chegam e saem por ali, sem ficar um tempo para explorar o lugar. Mas eles não sabem o que estão

perdendo. O calçadão da praia é repleto de gente fazendo *logging* — ou se dirigindo para os restôs que servem apetitosos frutos do mar. A comida também é o chamariz nas *trattorias* do centro histórico, que revela igrejas medievais como a Catedral de Salerno, uma das mais bonitas da Itália.

Num dia de sol, visite o Castelo de Arechi, que, pairando a 263 metros de altitude, descortina um panorama sublime do Golfo de Salerno. São ruínas que passaram por uma longa restauração e, reabertas em 2009, agora têm um museu que apresenta as descobertas arqueológicas da região.



O panorama clássico da Costa Amalfitana ganha vida, em todas as suas nuances, na adorável Positano

Andar ao léu pelas vielas de Positano ou esquecer a vida curtindo a praia é o que há por lá

POSITANO

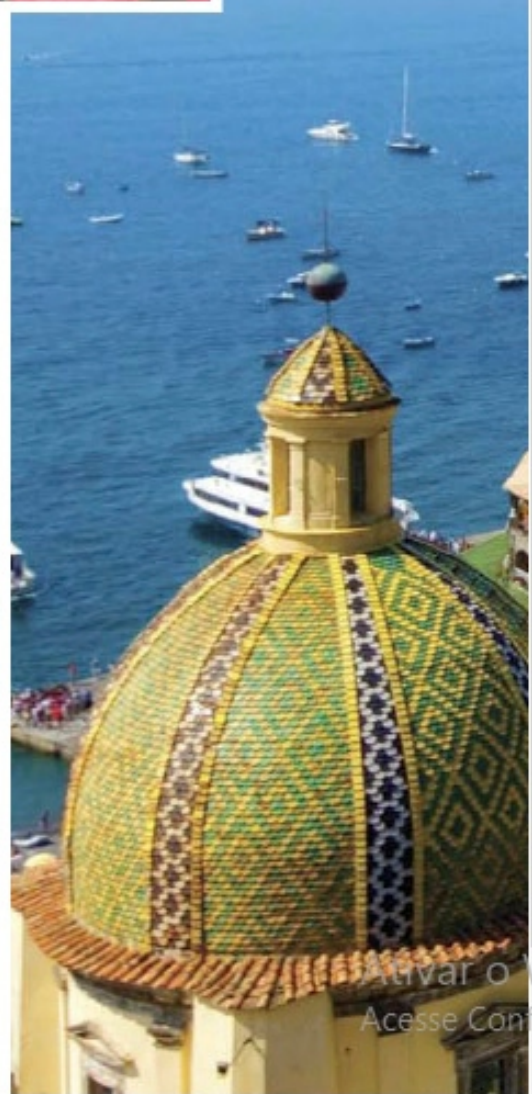
“O” lugar para desempenhar a arte do dolce far niente

Se a Costa Amalfitana seduziu você já nos primeiros quilômetros rodados em Sorrento, prepare-se para atingir o auge do encantamento no trecho seguinte, que leva a Positano. São meros 17 km de trajeto, mas que trajeto: há vários mirantes dispostos a muitos metros acima das águas do Tirreno, que parece ter águas mais azuis e tranquilizadoras do que qualquer outro mar do mundo. Com essa pintura acompanhando a viagem, é impossível não parar em todos os deque disponíveis, fazendo com que a rota, que, num dia de trânsito normal, seria feita em cerca de meia hora, facilmente ultrapasse uma hora.

Outro impacto é se encontrar “cara a cara” com Positano. É que o casario colorido que de cima a baixo invade a montanha garante um

irretocável clima de faz de conta à cidade, como se ela mal tivesse moradores e transeuntes. E o movimento nem sempre é muito nítido também porque Positano tem uma única rua-avenida, que por 4 km se estende, ou melhor, se enrola feito um caracol para atravessar a cidade.

E como alcançar as redondezas onde tal rua não passa? Só há escadarias e vielas com íngremes subidas e descidas – onde carros não circulam –, como a Via dei Mineli. Ela leva à praia, a qual, no canto direito, é pública (no canto esquerdo, ela é reservada para quem quiser alugar guarda-sol e espreguiçadeiras). Na beira-mar, todo mundo se junta, mas cada um curte o *dolce far niente* no seu estilo. Uns torram ao sol. Outros, ou melhor, outras se mantêm de vestido longo e cha-



Ativar o
Acesse Con





Praia em Positano, com pedras em vez de areia e as águas frias do Mar Tirreno: o visual contemplado de baixo para cima também é o máximo



Os pratos de cerâmica e a colorida mesa de mosaico do delicioso restô La Zagara; abaixo, roupas no estilo da “moda positana”



Foto: IRENA OZAWATA

pêu. E outros se sentam nos restaurantes da orla e, enquanto almoçam, praticam o *people watching*.

MODA POSITANA

Como um dos pontos mais badalados da costa, alfaiates e comerciantes, nos anos de 1960, identificaram uma demanda por acessórios e roupas que representassem o clima e o estilo de Positano. Começaram, então, a criar peças de linho, incluindo toalhas e lençóis bordados à mão. E foram ajudados por estilistas como Benetton e Fiorucci, que passavam as férias na cidade e mostraram como tingir os produtos. O resultado foi a criação da “moda positana”, conferida na loja Antica Sartoria, endereço certo de visitantes fashionistas.

Saçaricando pelas ruazinhas, você também vai topor com butikues finas, galerias de arte e lojas que vendem coloridas peças de cerâmica, como jarros, copinhos de *limoncello* e minimurais de azulejo, sempre pre-

sentes na decoração de toda sorte de estabelecimentos. É o caso do café e restaurante La Zagara, onde as refeições são degustadas sobre coloridíssimas mesas de mosaico. Além de adquirir os produtos típicos, você precisa visitar a Igreja de Santa Maria Assunta, uma das mais populares para casamentos, que guarda a imagem de uma Virgem Maria negra de inspiração bizantina.

E assim, ao conhecer a suspirante vila em caminhadas morro acima para curtir uma baita vista do litoral, ao se deliciar com as fresquíssimas receitas locais e ao se jogar na praia para desfrutar da arte de não fazer nada, a frase que John Steinbeck, autor de *As Vinhas da Ira*, cunhou há mais de 60 anos se mostrará mais atual do que nunca: “Positano nos toca profundamente. É um lugar de sonho que, quando você está lá não parece de verdade, mas, depois que você parte, se torna incrivelmente real”. E deixa muita saudade.

CAPRI

Hedonista e perfumada

Ao longo da história, o sul da Itália foi castigado por algumas catástrofes causadas pelo Vesúvio. Mas, para compensar a fúria do vulcão, as redondezas também foram moldadas com formações “pacíficas” e igualmente soberbas, como as que emolduram a elegante ilha de Capri. É um microcosmo mediterrâneo, alcançado de barco desde Positano (e também de Sorrento, Amalfi e Salerno) e queridinha desde os tempos do Império Romano. Foi nela que o imperador Tibério, desconfiado de que seria assassinado por oposi-

tores em Roma, mandou construir, em 27 d.C., 12 vilas no alto da montanha. E se mandou para lá. A mais suntuosa delas, a Villa Jovis – que exige um bom par de pernas para ser alcançada – ainda mantém seus resquícios de pé, 354 metros acima do nível do mar. O governante foi só a primeira personalidade que caiu de amores por Capri. Escritores como o chileno Pablo Neruda e o alemão Thomas Mann também se renderam aos encantos da ilha. Até o ator Leonardo di Caprio já foi visto bebericando uns *espressos* por lá. E

é mesmo esse o clima local: VIP.

Da Marina Grande, no porto de Capri, saem os principais passeios de barco em torno da ilha, os quais escancaram o quão generosa a natureza foi com o pedaço. É tanta formação caprichada que é difícil escolher a mais bonita. Há o Arco Natural, portal de pedra onde, na passagem da embarcação, os enamorados devem se beijar para que, reza a lenda, o amor perdure para sempre; a Punta Tragara, que fica de cara para os icônicos Faraglioni, rochedos de calcário que brotam no meio do

Os rochedos Faraglioni, que brotam no meio do mar e são uma das marcas de Capri, são lindamente avistados de vários pontos da ilha



Ativar o
Acesse Con



A entrada da Grotta Azzura é estreita; lá dentro, porém, um salão se abre e a luz do sol que entra pela fenda se reflete na água, deixando-a num tom de azul sensacional (ao lado)



mar; e a Punta Carena, onde está o segundo farol mais alto do país.

No trajeto, navega-se pelas grutas Branca e Verde, de águas límpidas e transparentes. Mas o ponto alto é mesmo a magnífica Grotta Azzura (gruta azul). Uma fila de embarcações se concentra em frente a ela e, então, botes pequenos buscam os visitantes nos barcos maiores e os levam até a gruta, processo que pode demorar mais de uma hora por conta da quantidade de turistas. Mas quem se importa sabendo do show que está por vir?

A entrada da caverna tem 1,3 metro. O barqueiro, concentrado, observa o correr das águas e, enfim, rema gruta adentro. E então o “milagre” acontece: o túnel, estreito do

lado de fora, se abre num salão rochoso, em que a luz do sol que entra pela fenda se reflete na água, a qual, forrada por uma areia branquinha, gera um efeito azul fosforescente inacreditável. O espetáculo seria ainda mais encantador se não houvesse tantas canoas ali ao mesmo tempo, mas, ainda assim, é maravilhoso.

Ao retornar à Marina Grande – que tem, à direita, a Bagno di Tiberio, uma das praias mais procuradas de Capri –, um funicular conduz os visitantes ao centrinho. Nas estreitas ruas, há lojas de marcas badaladas, o vaivém de carrinhos, ao estilo dos de golfe, dos hotéis de luxo transportando as malas dos hóspedes, e atrações como o Jardim de Augusto, criado a mando deste que

foi o primeiro imperador romano, que encanta, claro, pelas flores, mas também pelos bancos de mosaico e o visual estonteante para os rochedos Faraglioni. Perto dali, também com vista primorosa dessas formações, o Mosteiro Certosa di San Giacomo é outro oásis de tranquilidade. Conta-se que, em 1949, um monge dali criou a fórmula do primeiro perfume de Capri. Com autorização do papa, revelou-a a um químico, que achou o aroma promissor e construiu um laboratório para produzi-lo. Nascia assim a conhecida perfumaria Carthusia Certosa.

Para que o cheirinho das férias na ilha esteja sempre por perto, compre um vidro do perfume Ária de Capri. A essência de limão e laranja, associada a notas de mimosa e pêssego, certamente reconduzirá você aos marcantes dias passados na região. Então, é só fechar os olhos e recordar os momentos em que se via o sol nascer da varanda, com uma xícara de *cappuccino* em mãos, ou se contemplava o crepúsculo na praia, com a água do mar lambendo os pés.

O desenho encantador de Amalfi, que tem parte das construções agarradas às escarpas do Monte Lattari e parte à beira do mar

AMALFI

Poderosa na Idade Média, idílica e pacata hoje

Cruzar a estrada que conecta os vilarejos, superestreita e com curvas fechadas, uma atrás da outra, dá um certo frio na barriga. Mas ainda bem que o cenário sedutor não dá trégua, especialmente entre Positano e Amalfi. Ali, surgem diversas praias, quer dizer, boa parte delas são enseadas minúsculas, praticamente escondidas entre os paredões e acessadas apenas por uma longa escadaria. Como tais sequências de degraus não são vistas da estrada

tampouco há placas que as indique, siga esta dica: pare sempre que você vir uma fileira de carros estacionados no acostamento. É grande a chance de encontrar uma inusitada, e linda, faixa de areia perdida nas falésias.

O zigue-zague do trajeto também é reconfortado pela tranquilidade e beleza de Amalfi, que recebe os visitantes com um colorido degradê de casas, parte delas cenicamente empilhadas na montanha e parte espalhada por um terreno mais

Depois de apreciar a miscelânea de estilos impressos na catedral, sente para bater papo na escadaria do templo ou nos cafés do pedaço

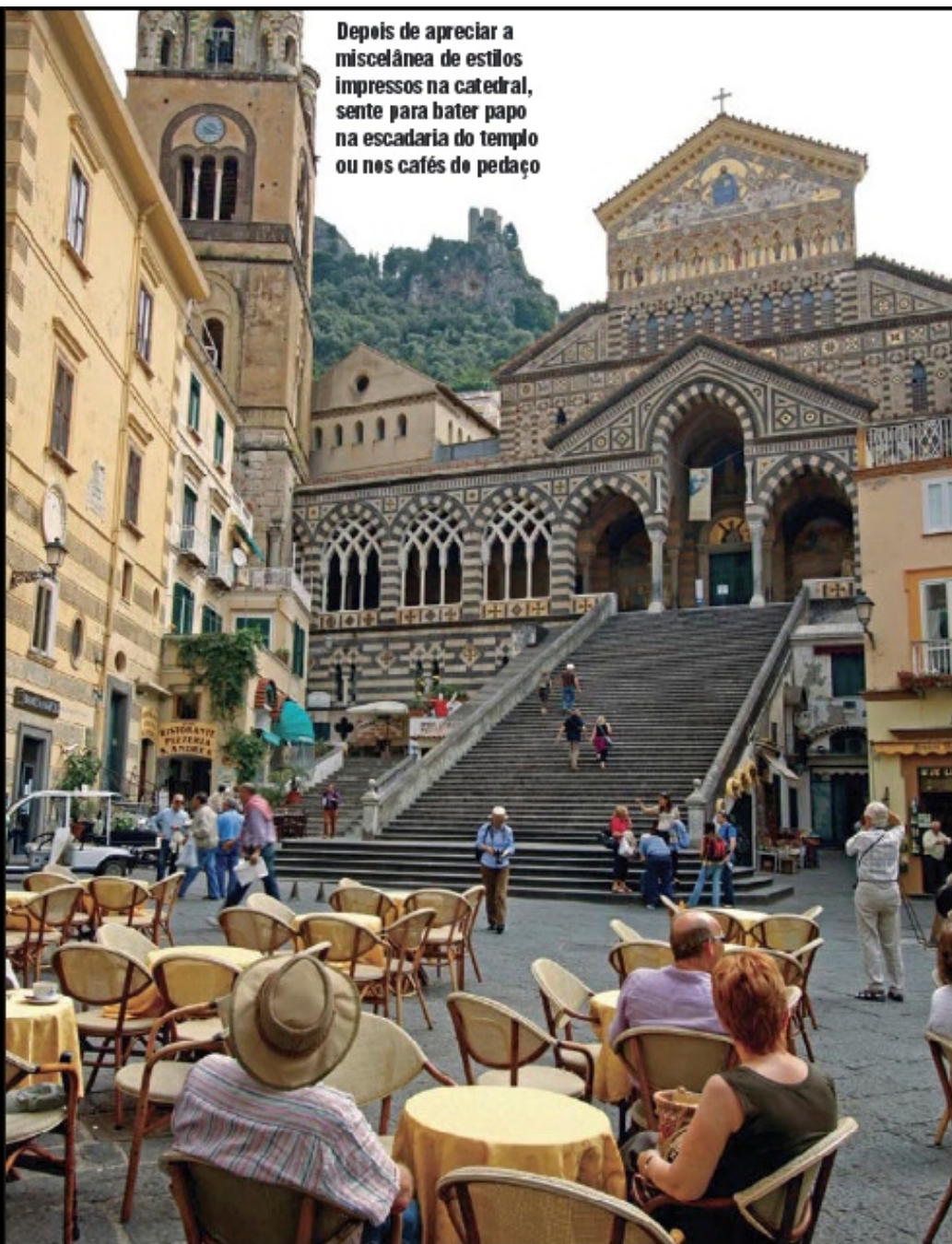


Foto: Tullio Azzurro



plano, num vale ladeado pelas portentosas escarpas do Monte Lattari.

Hoje tão pacata e bucólica, mal dá para acreditar que Amalfi foi uma grande potência marítima na Idade Média, rivalizando com as poderosas repúblicas de Veneza e Gênova. A supremacia era tanta que ela era capital da próspera República Amalfitana, que criou um código de leis marítimas seguido em todo o Mediterrâneo e que tinha a própria moeda, aceita da Grécia à África.

Uma testemunha desse passado glorioso é o complexo da catedral,

que conserva o Mosteiro do Paraíso, onde fica o cemitério da antiga nobreza amalfitana, e a Basílica do Crucifixo, hoje um museu que guarda tesouros como uma mitra (insígnia religiosa que os sacerdotes usam na cabeça) do século 13, ornamentada com folhas de ouro e uma infinidade de pérolas. Outra atração é a cripta, que guardaria os restos mortais de Santo André, padroeiro da cidade.

Como fica no centrinho, a escadaria da catedral é um ponto de encontro de moradores e turistas. A turma também adora jogar conversa

fora – e tomar um bom *espresso*, claro – na confeitaria Andrea Pansa, ao lado da igreja. Se bem que, quando o sol bate forte, uma boa são os sucos de frutas da Sporta Marina, as quais são cultivadas no quintal do proprietário. A casa ocupa uma portinha perto da catedral, que, se você não prestar atenção, passa batido.

O que nunca passa despercebido é a quantidade de limões sicilianos, cujos pés naturalmente enfeitam as vielas – e boa parte das lojinhas também. É automático querer pegá-los, já que muitos têm quase o tamanho de uma bola de futebol de salão. Mas não faltam avisos para os forasteiros não botarem as mãos na fruta. Com essa fartura, o limão vai parar não só nas receitas, mas também em sabonetes, perfumes e no licor *limoncello*, cujas garrafas pintadas à mão, trazendo cenas de Amalfi, são um souvenir típico da cidade.



Prainha de Amalfi e, acima, o interior da Grotta dello Smeraldo; abaixo, as garrafas de limoncello pintadas à mão, um souvenir típico de Amalfi

Nas ruas, também é recorrente se deparar com miniaturas, como se fossem presépios montados em fontes ou colocados nas fendas das montanhas. As figuras representam profissões comuns dos vilarejos, como padeiro e pescador, e são uma espécie de artesanato típico que embeleza ainda mais o centrinho.

O VERDE RELUZENTE DAS ÁGUAS

A despeito do movimento e do glamour que envolve a vizinhança, Amalfi ainda preserva sua essência de vila de pescadores. E, como tal, nada como explorá-la num *tour* de barco, que passa pelas “modestas” casas com elevadores privativos para a praia e propriedades como a Villa Sophia Loren e a mansão do dono da fabricante de champanhes Moët & Chandon.

O barco para de tempos em tempos e se aproxima de alguns roche-

dos, quando o condutor mostra “imagens” naturais formadas nas pedras. “Use a imaginação”, diz aos mais céticos, apontando para a possível forma de uma mãe abraçando o filho. Outras formações, porém, são mais facilmente identificadas, como a pedra do elefante com sua imensa tromba. Depois, o barco se aproxima do Fiorde de Furore, fenda gigante que corta o Monte Lattari e é o maior do sul da Europa. O clímax do passeio, no entanto, é a chegada à Grotta dello Smeraldo (gruta da esmeralda), no vilarejo de Conca dei Marini, a 4 km de Amalfi, e também alcançada por terra, com um ônibus que sai da estação Sponda, em Positano.

Um elevador conduz até a entrada da gruta. Ali, a luz do sol passa por uma pequena fenda e ilumina a caverna e a água, que, devido à refração, cria o radiante efeito que dei-

xa a água com tons verde-esmeralda, envolta por estalagmites e estalactites que alcançam 24 metros.

Barqueiros, com pequenos botes, levam os turistas para um rápido passeio pelo espaço. E alguns, para ninguém se esquecer de que está fazendo um passeio à la Veneza, soltam o vozeirão e entoam trechos da clássica música *O Sole Mio*.





Ravello também é um lugarejo charmoso, mas sua atração mais famosa são duas villas do século 13, como a Ruffolo, dona de vistosos jardins

RAVELLO

Terraço para o infinito

Diferentemente das outras pitorescas cidadezinhas amalfitanas, que são ladeadas pela zigzagante estrada que vai de Sorrento a Salerno, Ravello se “esconde” ainda mais nas montanhas: está 350 metros acima do nível do mar. Por isso, a vila perfeita é, mais do que qualquer outro lugar desse litoral, o camarote da Costa Amalfitana. Lá do alto de seus mirantes e caminhos forrados de flores estão, na opinião do escritor norte-americano Gore Vidal, as vistas mais es-

tupendas do planeta. Deve ser verdade, afinal, Ravello há décadas tem sido o refúgio de artistas em busca de inspiração, a exemplo da escritora Virginia Woolf e do pintor Salvador Dalí. Wagner compôs ali sua mais famosa ópera, *Parsifal*. E a atriz Greta Garbo curtiu, em 1938, momentos de pura felicidade em Ravello acompanhada do namorado Leopoldo Stokowsky.

Até o caminho para chegar no povoado é inspirador. A estrada, que começa em Amalfi, segue mon-

tanha acima, beirando encostas íngremes forradas de limoeiros. A via é tão estreita que, em alguns pontos, há semáforos para o trânsito fluir em apenas uma direção.

O vilarejo, por sua vez, é minúsculo e muito charmoso. As ruas são proibidas para carros e ônibus (que ficam num estacionamento na entrada da cidade), e a única forma de conhecê-las é caminhando. Em frente à catedral, na praça principal, há diversos cafés com vista para os vales. Mas, ali, o que todos estão loucos



SHUTTERSTOCK

para ver são duas mansões erguidas no século 13 por famílias aristocráticas, Villa Rufolo e Villa Cimbrone. Ambas atraem pela beleza dos jardins, cujos balcões à beira dos penhascos são pontos incríveis para contemplar a linda geografia daquele litoral pontuado por montanhas.

A Villa Cimbrone é a mais especial. Entre guirlandas gigantes de flores e diversas estátuas do período clássico, o lugar emana paz e tranquilidade, como no Terraço do Infinito, com diversos bustos emparelhados em um corredor suspenso com vista para o mar.

Mas um horizonte bonito mesmo revela a vila vizinha de Scala. É dela que se tem o melhor visual de Ravello, que se mostra por inteiro sobre as encostas quase verticais, e, lá embaixo, o Mar Tirreno cintilando. Vale ir até Scala nem que seja só para duvidar de que Deus é brasileiro. Talvez seja italiano, pois caprichou um bocado nesse litoral e fez da Costa Amalfitana o lugar mais lindo que poderia existir.

Acima, a aprazível praça principal de Ravello; no alto, à dir., e ao lado, os pratos que ficam mais gostosos por conta da caprichada apresentação



FOTO: REANA CAZIMATI



As lojas de cerâmicas coloridas são recorrentes na costa e também encontradas no centrinho de Ravello

Atualize o W
Acesse Contig



INFORMAÇÕES GERAIS

Documentos exigidos para entrada na Itália: passaporte com validade mínima de seis meses após a viagem e uma assistência de viagem que cubra pelo menos € 30 mil em despesas médicas. Idioma: italiano

Moeda: euro

Cotação: € 1 vale R\$ 3,43 (cotação em maio de 2015)

Fuso horário: cinco horas a mais em relação a Brasília

Para ligar a cobrar para o Brasil: 800-17-2211 (serviço da Embratel)

Embaixada do Brasil em Roma: Piazza Navona, 14. ☎ (00xx39-06) 68-3981. brasemb.roma@itamaraty.gov.br



QUANDO IR

As melhores épocas são de abril a setembro, em especial durante a primavera, entre março e junho. O auge do verão, nos meses de julho e agosto, promete altas temperaturas para aproveitar as praias da região, mas também traz preços altos, filas e intenso movimento de turistas. No inverno (dezembro a março), a Costa Amalfitana praticamente morre e o serviço de *ferries* é suspenso, o que dificulta bastante o transporte.



COMO CHEGAR

O aeroporto de Nápoles, Capodichino, é o maior da região. Do Brasil, a Lufthansa (www.lufthansa.com) opera voos para lá a partir de R\$ 2.507, com conexão em Munique. Já a Alitalia (www.alitalia.com) oferece o trecho a partir de R\$ 2.778, com troca de avião em Roma. O preço é o mesmo com a Air France (www.airfrance.com), que faz *pit stop* em Paris.

Uma vez em Nápoles, você pega o carro alugado e rumo para Sorrento ou Salerno, cidades que estão nos dois extremos da Costa Amalfitana. Se não dirigir, dá para fazer grande parte do trajeto usando trem, ônibus e barco. A Trenitalia (www.trenitalia.com) opera trens até Salerno. A bordo do comboio de alta velocidade Frecciarossa, a viagem dura 37 minutos. A empresa Circumvesuviana opera a linha de ônibus entre Nápoles e Sorrento, passando por Pompeia



e Herculano. A viagem dura uma hora. Ônibus da Sita Bus (www.sitabus.it) também perfazem o trajeto de Salerno a Sorrento. Entre as cidades da costa, há diversas opções de *ferries*, como os da Travelmar (www.travelmar.it) e da Alicost (www.alicost.it).



ONDE FICAR*

NÁPOLES

Hotel Piazza Bellini – Perto da badalada Piazza Bellini e seus bares, o hotel-boutique ocupa um palácio do século 16. Os quartos do quinto e sexto andares têm vista panorâmica. Desde € 144. www.hotelpiazzabellini.com.

Ramada Hotel – Praticamente em frente à estação central de trens, esse quatro estrelas aposta na boa localização. O centro histórico é facilmente alcançado a pé. O farto café da manhã inclui diversos doces e tortas regionais. Diárias a partir de € 95. www.ramadanaples.it.

SORRENTO

Hotel Cristina – O destaque é a vista, principalmente a partir da piscina. Alguns quartos têm varanda voltada para o mar e ainda oferece um restaurante com vista panorâmica. Diárias a partir de € 150. www.hotelcristinasorrento.it.

Hotel Astoria – Bem localizado, no centro histórico, é uma boa pedida para quem não está de carro, já que é bem difícil estacionar na região. Quartos

amplos e confortáveis. Diárias de € 70 a € 170. www.hotelastoriasorrento.com.

POSITANO

Hotel Villa Gabrisa – Localizado em um edifício histórico do século 18, o espaço foi todo reformado. A decoração dos quartos traz móveis da Toscana e vidros e lustres de Murano. Varanda e jacuzzi fazem parte do pacote. Diárias a partir de € 320. www.villagabrisa.it.

Hotel Califórnia – Funciona numa antiga residência de uma nobre família napolitana, mantendo a estrutura original de 1777. Há quartos com jacuzzi, e o terraço onde é servido o café tem vista para o clássico panorama local. A partir de € 160. www.hotelcaliforniapositano.it.

CAPRI

Casa Mariantonia – Oferece terraços com excelentes vistas e quartos decorados com móveis brancos. O chão de piso azul dá ares de frescor ao empreendimento. Diárias a partir de € 180. www.casamariantonia.com.

Hotel Villa Eva – Localizado em Anacapri, entre oliveiras e outras árvores, é um oásis. Tem boa estrutura para famílias, com piscina e terraço. O acesso, porém, é um pouco mais complicado. A partir de € 120. www.hotelvillaeva.com.

AMALFI

Residenza del Duca – No topo da

montanha, esse pequeno hotel familiar é equipado com apenas seis quartos, mas também dispõe de apartamentos para locação. Oferece serviço de transporte de bagagens. Diárias a partir de € 133. www.residenzedelduca.it.

Hotel Amalfi – Fica praticamente no centrinho. Os quartos são simples, mas amplos e limpos. O terraço de café da manhã descortina excelentes vistas. Diárias a partir de € 105. www.hamalfi.it.

RAVELLO

Hotel Toro – A poucos passos da Praça Duomo, oferece quartos que apostam na decoração típica da Costa Amalfitana, com tons de bege e mármore branco. Pinturas que retratam a paisagem local dão o toque final. Diárias a partir de € 125. www.hoteltoro.it/web.

Hotel Villa Amoré – Uma das vantagens desse hotel familiar é o custo-benefício. Todos os quartos têm varanda e alguns, até banheiro. O restaurante também dispõe de um terraço com excelente vista e boa comida. Diárias a partir de € 100. www.villaamore.it.

SALERNO

Hotel Montestella – Entre a estação principal de trem e o centro histórico, o hotel tem ótima localização, a uma distância passível de caminhada até o porto turístico. Os quartos são espaçosos e confortáveis. Diárias a partir de € 88. www.hotelmontestella.it.

Hotel Pólo Náutico – Apesar de distante do centro (cerca de 3 km), está bem em frente à praia e você pode tomar o café da manhã na varanda em frente ao mar. Quartos decorados em azul, com frigobar e ar-condicionado. No térreo está o restaurante e *pizzeria* La Risacca. Desde € 70. www.hotelpolonautico.it.